



**Envelhecimento
crescente mas
especialmente
desigual**

**Ageing – An increasing
phenomenon with
geographical differences**

Autoras:

Cristina Gonçalves

Instituto Nacional de Estatística, Departamento de Estatísticas Sociais

E-mail: cristina.goncalves@ine.pt

Maria José Carrilho

Instituto Nacional de Estatística, Unidade de Relações Externas e Cooperação

E-mail: mjose.carrilho@ine.pt

Resumo

A população portuguesa continua a envelhecer mas o ritmo é diferente nas várias regiões. Os baixos níveis de fecundidade e o aumento da esperança de vida são as causas da intensidade do fenómeno.

No presente artigo analisam-se as grandes alterações ocorridas e as esperadas nas próximas décadas na estrutura da população. Com recurso a um conjunto de indicadores habitualmente utilizados para medir o fenómeno do envelhecimento procura-se identificar as disparidades regionais que o mesmo regista.

Palavras-chave:

Envelhecimento demográfico, Fecundidade, Esperança de vida, Migrações, Disparidades Regionais.

Abstract:

The ageing process continues in the Portuguese population. The low fertility levels and the increase of longevity are the demographic factors that explain the intensity of the phenomenon.

This article presents the substantial changes observed in population structures and the expected trends for the coming decades. A set of indicators on ageing is used to identify the regional differences of the phenomenon.

Key words: demographic ageing, low fertility, longevity, migrations, regional gaps.

A society for all ages encompasses the goal of providing older persons
with the opportunity to continue contributing to society.
In, UN Madrid International Plan of Action on Ageing 2002

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da comunicação com o mesmo título, apresentada nas Jornadas de Desertificação e Despovoamento que decorreram entre 20 e 21 de Novembro de 2006, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa, e pretende actualizar o artigo “Dinâmicas Territoriais do Envelhecimento: análise exploratória dos resultados dos Censos 91 e 2001”, editado em Notas e Documentos da Revista de Estudos Demográficos nº 36.

Como o título indica, o objectivo é analisar a evolução de dois fenómenos que marcaram a conjuntura demográfica das últimas décadas do século XX e com tendência para agravar no tempo presente e no futuro próximo, a saber, o envelhecimento demográfico e, conseqüentemente, o despovoamento e a desertificação de algumas regiões do país.

Assim, procura-se não só caracterizar a situação em termos de estrutura etária, realçando a contínua perda de efectivos populacionais jovens, que equilibrem a base da pirâmide etária, a par do progressivo aumento da longevidade populacional, evidenciando os diferentes ritmos de crescimento da população em diferentes idades. Simultaneamente, apresentam-se as assimetrias regionais que o fenómeno reveste, vetando certas zonas do país a uma situação de impossibilidade de substituição de gerações populacionais, praticamente irreversível.

No trabalho anterior subjacente ao mesmo tema¹, demonstrou-se que embora o fenómeno do envelhecimento demográfico fosse transversal a todas as regiões do país, persistia ainda alguma heterogeneidade geográfica, devido em boa parte à herança dos comportamentos demográficos de cada região ou sub-região.

O envelhecimento estender-se-á a todo o país nas próximas décadas, em momentos e com ritmos de mudança diferenciados, tornando-se o ritmo mais lento à medida que a população idosa reforça a sua importância na população total.

¹ cf. *Dinâmicas Territoriais do Envelhecimento: análise exploratória dos resultados dos Censos 91 e 2001*.

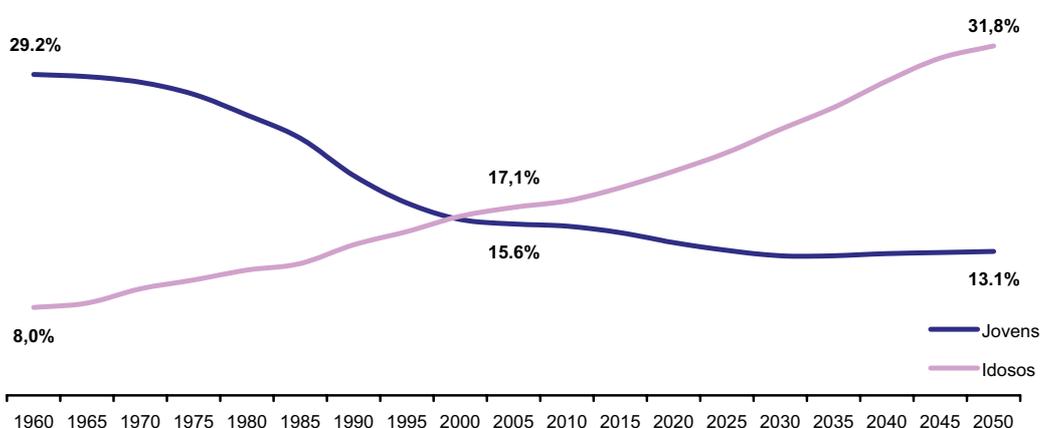
I. Envelhecimento Demográfico: passado e futuro

O fenómeno de envelhecimento demográfico assenta na teoria da transição demográfica, ou seja, na passagem de um modelo demográfico em que a mortalidade e fecundidade assumiam valores elevados para um modelo em que ambos os movimentos assumem níveis baixos. Apresentando-se como um processo dinâmico, é comum definir-se o envelhecimento demográfico a partir do momento em que a proporção de população idosa na população total aumenta, quer como resultado da perda de importância relativa da população jovem ou da população em idade activa, ou de ambas.

A estrutura etária da população reage primeiro à descida dos níveis de fecundidade e quando estes forem suficientemente baixos aos da mortalidade.

Figura 1

Evolução da proporção da população jovem e idosa no total da população (%), Portugal, 1960 - 2050



Fonte: INE, cálculos das autoras a partir dos dados de base (Censos de População, Estimativas e Projecções de População Residente)

Em Portugal, a proporção de pessoas com 65 ou mais anos duplicou nos últimos 45 anos, passando de 8% no total da população em 1960, para 17% em 2005.

De acordo com o cenário médio das projecções demográficas mais recentes, elaboradas pelo INE ², estima-se que esta proporção volte a duplicar nos próximos 45 anos, representando, em 2050, 32% do total da população³.

Em paralelo, a população jovem diminui de 29% para 16% do total da população entre 1960 e 2005 e irá atingir os 13% em 2050.

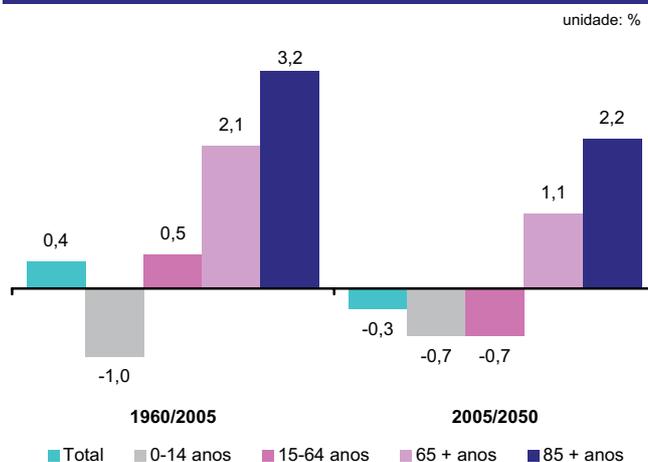
O ritmo de crescimento da população idosa e da população muito idosa é bastante superior ao da população total, quer no período retrospectivo, quer no período de projecção.

² Cf. *Projecções da População Residente, Portugal 2000-2050*.

³ Este cenário assenta em hipóteses que têm subjacente um aumento gradual da fecundidade (1,7 crianças por mulher em 2050, nível ainda inferior ao de substituição das gerações: 2,1 crianças por mulher), numa hipótese moderada de acréscimo de esperança de vida à nascença (79,0 anos para os homens e 84,7 anos para as mulheres, em 2050), bem como num saldo migratório positivo, decrescente e igual a 10 mil indivíduos até 2010, nível que se mantém constante até ao final do período de projecção.

Figura 2

Taxa média anual de crescimento da população por grandes grupos etários, Portugal 1960/2005 e 2005/2050



Fonte: INE, cálculos das autoras a partir dos dados de base (Censos de População, Estimativas e Projeções de População Residente)

Entre 1960 e 2005, a população total cresce em média 0,4% ao ano, um ritmo muito próximo do observado no grupo da população em idade activa dos 15-64 anos (0,5%). No entanto, neste mesmo período destacam-se, desde logo, grandes contrastes nas dinâmicas de evolução da população jovem, que diminui a um ritmo médio de 1% ao ano e a população idosa que regista taxas de crescimento anual de 2,1%.

Esta evolução afirma-se ainda mais na população muito idosa, ou seja, nos indivíduos com 85 ou mais anos, que aumentam mais de 3% ao ano. Nesta análise fica bem patente o acréscimo da longevidade da população, ou seja, o envelhecimento da própria população idosa.

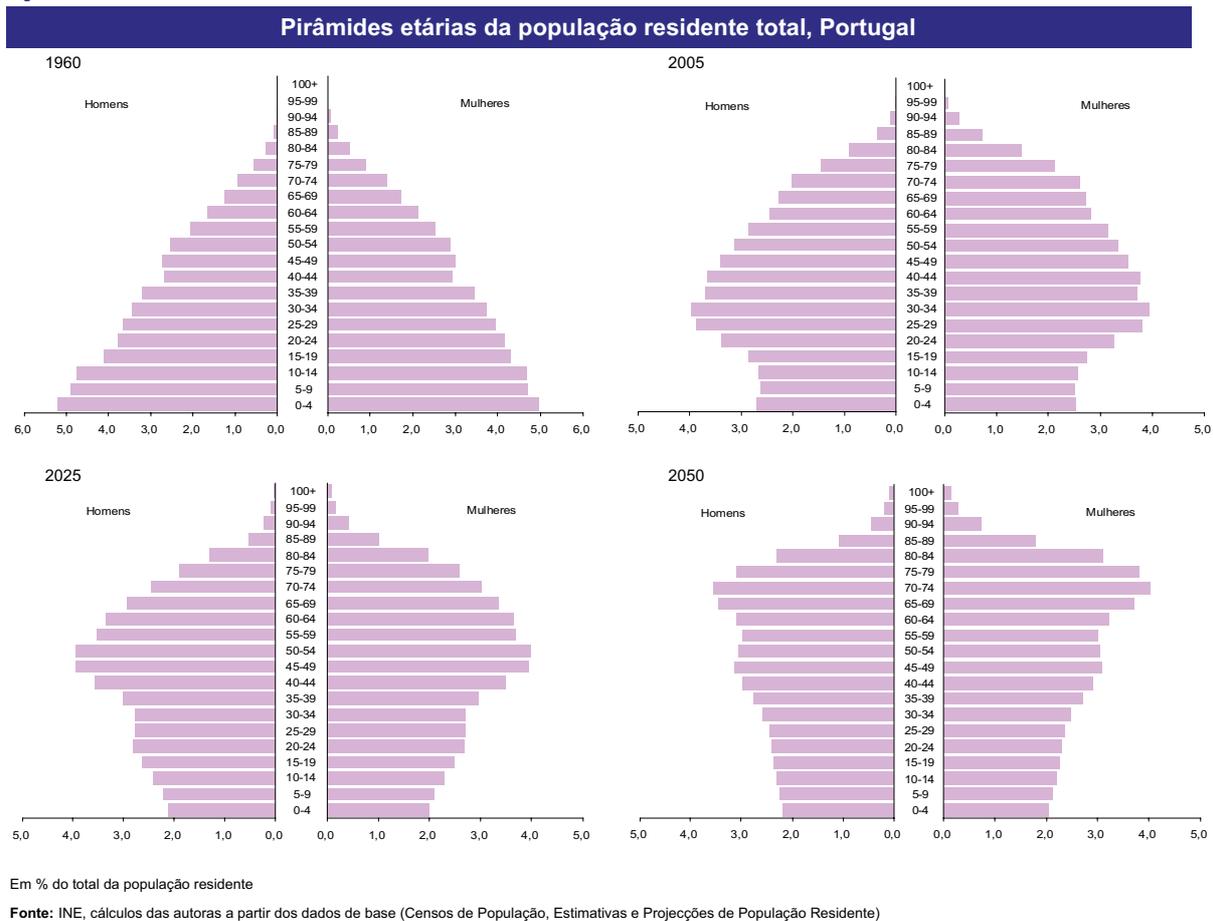
Uma análise mais detalhada permite verificar que entre 1960 e 1970 o processo de envelhecimento da população portuguesa resultou da baixa da população em idade activa decorrente dos fortes fluxos emigratórios ocorridos. Em contrapartida, nos anos mais recentes, a inversão do saldo migratório devido às fortes correntes imigratórias determinou que apenas a queda da população jovem influenciasse o agravamento do fenómeno.

Nos próximos 45 anos, de acordo com o cenário médio de evolução demográfica, o panorama apresenta-se bem diferente. Como se pode observar, a população total sofrerá um decréscimo de cerca de 0,3% ao ano, tal como irão decrescer a população jovem e a população em idade activa, a ritmos semelhantes. A população jovem abrandará o ritmo de decréscimo, mas em consequência dos efeitos dessa diminuição (de jovens), a população em idade activa será afectada negativamente, diminuindo cerca de 0,7% ao ano. Se se considerar a população entre os 25 e os 64 anos, o ritmo será ainda mais forte (v. Quadro 1).

Assim, no período de projecção (2005/2050) apenas a população idosa continuará a aumentar: 1,1% ao ano se considerarmos os de 65 e mais anos e 2,2% considerando os de 85 e mais anos. O que se verifica também é que os ritmos de crescimento tendem a abrandar, o que acontece naturalmente dado que a população já atingiu um elevado grau de envelhecimento. O mesmo se verifica com o decréscimo dos jovens, cujo ritmo diminui.

As repercussões na estrutura etária da população são bem visíveis nas pirâmides etárias que se apresentam a seguir, respectivamente em 1960, 2005, 2025 e 2050.

Figura 3



Consta-se que a forma triangular ainda visível na pirâmide que retrata a população residente em Portugal, segundo o sexo e por idades, em 1960, desvaneceu-se e os perfis das pirâmides são totalmente diferentes no horizonte do período da projecção. Em 2050, a base reduziu-se a mais de metade, apesar da hipótese de fecundidade em que o cenário base se apoia ser tendencialmente crescente, reflectindo o ocorrido em alguns países da Europa nos últimos anos do século XX. Estes países, depois de estabilizarem os níveis de fecundidade em níveis muito baixos, assistiram a uma recuperação que, no caso da Suécia, levou mesmo à substituição das gerações no espaço de dez anos, conhecendo posteriormente nova fase de decréscimo seguida, no presente de novo aumento. Igualmente, Espanha, Itália e Grécia, que viraram o século com níveis de fecundidade extremamente fracos a rondarem o valor de 1,1 - 1,2 crianças por mulher registam, no presente, ligeiros aumentos.

Sendo certo que a subida de natalidade exige medidas de política social para o seu incentivo, paralelamente a alterações sociais e de âmbito pessoal, no que se refere à decisão de ter ou não (mais) filhos é uma hipótese que no longo prazo se deve equacionar. Caso não se venha a concretizar, então a base de sustentação da pirâmide da população portuguesa terá efectivos populacionais ainda mais diminutos.

As diferenças entre os níveis de fecundidade, mortalidade e a capacidade de atracção ou repulsão entre as várias regiões do país deram origem a várias estruturas etárias.

As alterações demográficas profundas manifestam-se lentamente e os seus efeitos só são visíveis ao fim de várias gerações.

Analisando a taxa média anual de crescimento da população a um nível geográfico mais fino, NUTS III ^{4 e 5}, e considerando o mesmo período de projecção, pode verificar-se que o decréscimo de população será uma constante em todas as sub-regiões do país entre 2010 e 2050, com uma única excepção: a região do Algarve que apresenta uma taxa média anual de crescimento de 0,3%. De referir ainda que a Região Autónoma dos Açores regista uma taxa negativa embora a tender para zero. O Alentejo é a região com a perda populacional mais acentuada, com todas as sub-regiões a diminuírem entre 1% e 1,1% em média todos os anos entre 2010 e 2050.

É possível igualmente observar que apenas a população idosa continuará a aumentar, com excepção de duas sub-regiões do interior do país (região Centro), a saber, Beira Interior sul e Pinhal Interior Sul, que apresentam taxas negativas em todas as idades. As sub-regiões mais envelhecidas, designadamente as pertencentes ao Alentejo e ao Centro, registam ritmos de crescimento muito mais baixos do que as restantes, precisamente porque atingiram um grau de envelhecimento demográfico bastante elevado. Pela mesma razão, as sub-regiões do Norte, especialmente, Cávado e Tâmega, e as regiões autónomas observam taxas médias de crescimento que rondam os 2% ao ano.

As projecções de população a nível de NUTS III devem ser utilizadas com um especial cuidado devido à dimensão dos efectivos populacionais envolvidos, em alguns casos e à dificuldade em escolher as hipóteses de evolução, e a própria metodologia adoptada que não têm em conta a especificidade demográfica de cada região. Em projecções desta natureza é importante outro factor, as migrações internas de difícil previsão.

Como se constata, o efeito da baixa de natalidade afectará os grupos etários dos adultos jovens e da população em idade activa (25-64 anos) no período de projecção em análise. Este facto verifica-se em todas as sub-regiões do país, variando apenas a sua intensidade. À semelhança do que se afirmou anteriormente, as regiões que iniciaram há mais tempo o processo de envelhecimento, apresentam-se actualmente e no futuro próximo com dinâmicas mais brandas. Ao contrário, o ritmo intensifica-se nas (sub) regiões que detinham uma população mais jovem.

Quadro 1

Taxa média anual de crescimento da população por grandes grupos etários, NUTS II e III, 2010/2050					
NUTS II e III ⁽¹⁾	TOTAL	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	65+ anos
Portugal	-0,33	-0,74	-0,74	-0,83	1,14
Norte	-0,38	-0,91	-0,98	-0,95	1,48
Minho Lima	-0,55	-0,84	-1,00	-1,02	0,63
Cávado	-0,21	-0,92	-0,98	-0,78	2,07
Ave	-0,28	-0,92	-1,03	-0,88	1,96
Grande Porto	-0,47	-0,97	-0,86	-1,14	1,45
Tâmega	-0,16	-0,92	-1,07	-0,65	2,07
Entre Douro e Vouga	-0,37	-0,93	-0,97	-0,98	1,66
Douro	-0,54	-0,79	-1,13	-0,97	0,61
Alto Trás os Montes	-0,73	-0,69	-1,18	-1,10	0,04
Centro	-0,58	-1,01	-1,05	-1,11	0,73
Baixo Vouga	-0,45	-1,06	-1,01	-1,04	1,28
Baixo Mondego	-0,64	-1,04	-0,87	-1,29	0,79
Pinhal Litoral	-0,48	-1,06	-1,03	-1,05	1,13
Pinhal Interior Norte	-0,67	-1,03	-1,13	-1,06	0,28
Dão-Lafões	-0,52	-0,94	-1,16	-0,96	0,70
Pinhal Interior Sul	-0,93	-0,84	-1,30	-1,18	-0,49
Serra da Estrela	-0,74	-0,84	-1,27	-1,14	0,15
Beira Interior Norte	-0,73	-0,88	-1,19	-1,12	0,13
Beira Interior Sul	-0,87	-0,97	-1,03	-1,31	-0,11
Cova da Beira	-0,70	-0,97	-1,13	-1,22	0,46
Lisboa e Vale do Tejo	-0,20	-0,46	-0,33	-0,66	1,02
Oeste	-0,17	-0,42	-0,45	-0,54	0,94
Grande Lisboa	-0,21	-0,47	-0,27	-0,69	1,07
Península de Setúbal	-0,17	-0,47	-0,32	-0,65	1,19
Médio Tejo	-0,25	-0,36	-0,51	-0,57	0,61
Lezíria do Tejo	-0,28	-0,42	-0,39	-0,66	0,61
Alentejo	-1,04	-1,59	-1,66	-1,63	0,23
Alentejo Litoral	-1,10	-1,53	-1,69	-1,75	0,22
Alto Alentejo	-1,08	-1,58	-1,68	-1,59	0,02
Alentejo Central	-0,99	-1,64	-1,61	-1,59	0,39
Baixo Alentejo	-1,04	-1,58	-1,71	-1,61	0,20
Algarve	0,26	-0,03	-0,01	-0,17	1,51
R. A. Açores	-0,02	-0,84	-1,05	-0,31	2,01
R. A. Madeira	-0,20	-0,84	-1,10	-0,64	1,77

Fonte: INE, cálculos das autoras com base nas Projecções de População Residente NUTS II e III, 2000-2050

⁽¹⁾ Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos, geografia de 2001 (NUTS 2001)

⁴ Cf. *Projecções de População Residente, Portugal, NUTS III, 2000-2050*.

⁵ NUTS 2001 (de acordo com a desagregação geográfica em vigor a 12/03/2001). Para informações adicionais consultar www.metaweb.ine.pt

De referir, as alterações na estrutura da população revelam diferentes comportamentos a nível regional, apesar do fenómeno do envelhecimento demográfico se generalizar em todo o território.

Em 2050, o Índice de Envelhecimento ascenderá a 243 idosos por cada 100 jovens, e a proporção de pessoas idosas no total da população será de 32%. Contudo, quando se compara a um nível geográfico mais fino ficam bem evidentes as assimetrias regionais, constatando-se também que o processo do envelhecimento demográfico será uma realidade em todas as regiões e sub-regiões.

Figura 4

Proporção da população com 65 ou mais anos, por NUTS III ⁽¹⁾, 2050

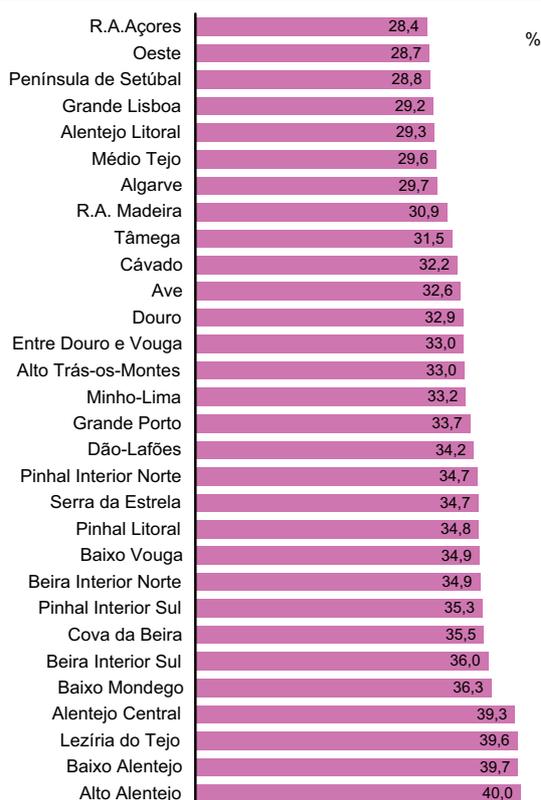
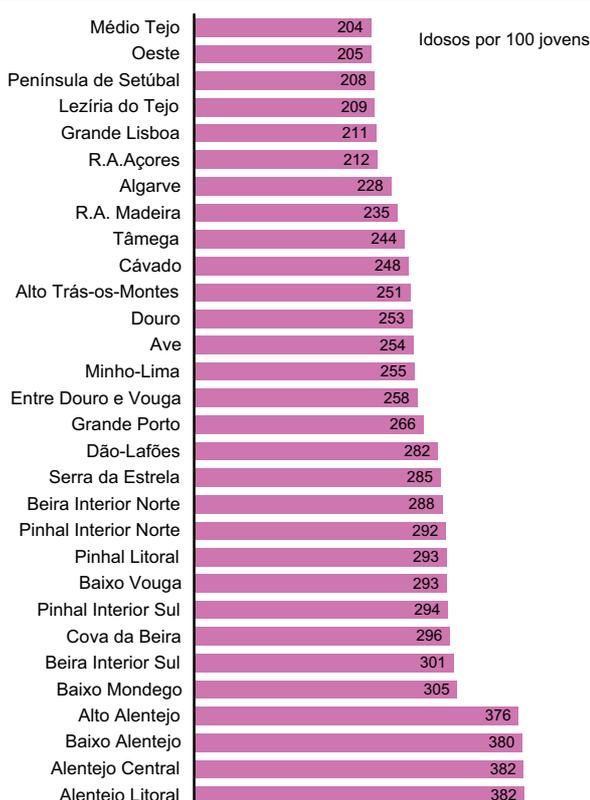


Figura 5

Índice de Envelhecimento por NUTS III ⁽¹⁾, 2050



Fonte: INE, cálculos das autoras com base nas Projeções de População Residente NUTS II e III, 2000-2050

⁽¹⁾ NUTS 2001

Ressalta, desde logo, que todas as sub-regiões terão em 2050 mais de 2 idosos por cada jovem. Com menos de 2,4 apenas as regiões autónomas, o Algarve, as sub-regiões de Lisboa e Vale do Tejo, como o Oeste, Médio Tejo, Lezíria do Tejo e Península de Setúbal. No Alentejo todas as NUTS III terão mais de 3,7 idosos por cada jovem.

O índice de dependência de idosos nas sub-regiões do Alentejo representará mais de 78 idosos por cada 100 indivíduos em idade activa. Apenas os Açores registam um índice menor que 50. O Algarve, e as NUTS de Lisboa e Vale do Tejo com menos de 55,5.

Como mencionado atrás, este é o efeito resultante de uma retoma de população jovem em algumas destas regiões e de proporções de população em idade activa mais acentuadas que nas regiões do Norte e do Centro, sobretudo no interior, e de todo o Alentejo.

As regiões Norte e Centro, bem como as duas regiões autónomas observam os maiores decréscimos de população jovem entre 2005 e o final do período de projecção.

Em 2050, os Açores, a Madeira e o Norte perdem a posição de regiões mais jovens, passando a observar proporções muito próximas das esperadas para o total do país. Naquele ano, a concretizarem-se as hipóteses subjacentes ao cálculo das projecções demográficas, pertencerá à região de Lisboa e Vale do Tejo a maior proporção de jovens.

A população idosa, por seu lado, regista um aumento contínuo em todas as regiões, mais intenso nas menos envelhecidas e que só muito recentemente deixaram de assegurar a substituição das gerações (Norte e regiões autónomas).

No que se refere à população em idade activa, prevê-se que Lisboa e Vale do Tejo, Algarve, Açores e Madeira registem as maiores proporções no final do período de projecção. Em Lisboa e Vale do Tejo e no Algarve sobretudo como consequência dos fluxos migratórios (imigração) e nas regiões autónomas devido ao efeito conjugado das correntes migratórias com a baixa de natalidade, tendência que começou mais tarde nestas regiões.

A dependência demográfica em si mesma, significa apenas relações entre grupos etários. Se pretendemos chegar a conclusões em matéria de dependência financeira, ou mensurar encargos económicos, é necessário utilizar um conjunto de variáveis que definam a dependência desta natureza.

O futuro demográfico de Portugal pode resumir-se, de acordo com as mais recentes projecções disponíveis no INE, da seguinte forma:

- A população residente diminuirá de 10 626 mil indivíduos em 2010, para 9 302 indivíduos em 2050.
- O país perderá cerca de 1 324 mil indivíduos em quarenta anos.
- O número de crianças com menos de quinze anos continuará a diminuir passando de 15,4%, em 2010, para 13,1%, em 2050, o que representa uma perda de cerca de 418 mil crianças. A baixa será mais acentuada se a hipótese de fecundidade não for tão favorável como a prevista neste cenário.
- A população em idade activa, dos 15-64 anos, manterá ao longo do período uma variação negativa situando-se próximo de 5 124 mil indivíduos em 2050, valor que traduz uma queda de praticamente 2 milhões de indivíduos, em quarenta anos.
- O número de pessoas com 65 ou mais anos, ou seja, o número de pessoas idosas manterá a tendência em alta e aumentará cerca de 1,1 milhão. A sua proporção no total de passará de 17,7% para 31,8%, entre 2010 e 2050. Na eventualidade da probabilidades de sobrevivência se manifestarem mais próximas de 1, esta proporção será ainda mais elevada.
- A população feminina em idade fértil recuará ao longo do período projectado e reduzir-se-á em cerca 900 mil efectivos, não ultrapassado os 1,7 milhões em 2050.
- O índice de dependência de idosos duplicará, passando de 26 para 58 idosos por cada 100 indivíduos em idade activa.
- O Índice de envelhecimento subirá de 115 para 243 idosos por cada 100 jovens.

Desta mudança tão forte na estrutura etária da população portuguesa deve resultar uma nova solidariedade de gerações, na medida em que há cada vez menos jovens e adultos e cada vez mais pessoas idosas, em particular, muito idosas. Será fácil, no futuro próximo, e mesmo no tempo actual, encontrar famílias em que coabitem três e quatro gerações.

II. As disparidades do envelhecimento demográfico no presente

Idade média global avança

Entre o último momento censitário, a 12 de Março de 2001 e 31 de Dezembro de 2005 a idade média da população residente em Portugal avançou cerca de 1 ano. A idade média das mulheres atinge, em 2005, 41,9 anos (40,9 anos em 2001) e como seria expectável, supera a dos homens (39,0 em 2005 contra 38,1 anos em 2001).

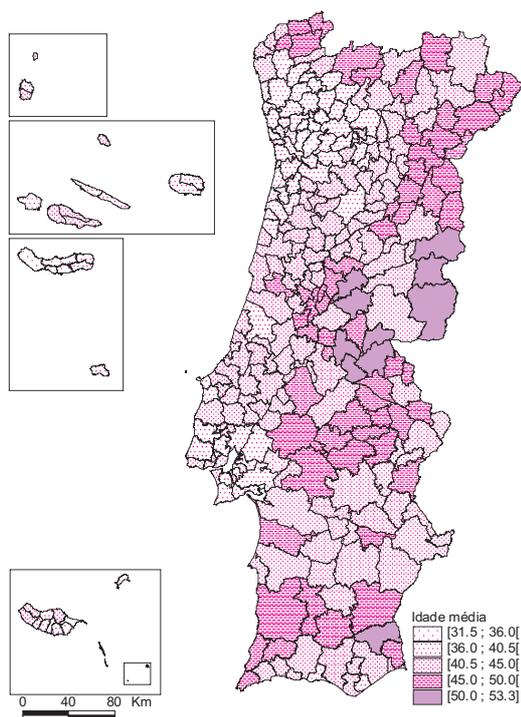
O cartograma com a representação gráfica das idades médias a nível de município evidencia bem a disparidade do envelhecimento: 214 dos 308 municípios têm, em 2005, uma idade média superior à do país: 40,6 anos, sendo que 10 municípios têm uma idade média superior a 50 anos, situados no interior do país, e apenas 6 concelhos apresentam idade inferior a 35 anos, que se localizam quase exclusivamente nas regiões autónomas.

O Continente está dividido por linhas bem marcadas: a parte Leste, a norte do Tejo, onde a idade média é superior a 40,5 anos, a parte ocidental, a norte do rio Tejo, com idades médias inferiores a 40,5 anos. O Alentejo Sul e Litoral surgem como zona separadora do Alto Alentejo.

Comparativamente aos resultados dos Censos 2001, Lisboa e Porto não envelheceram tanto com seria de esperar provavelmente devido ao efeito das migrações.

Figura 6

Idade média da população residente, por Municípios, 2005



Fonte: INE, Serviço de Geoinformação (cálculos das autoras com base nas Estimativas de População Residente), NUTS 2002

Envelhecimento crescente

A proporção de idosos varia entre 28,4 % nos Açores e os 40,0% no Alto Alentejo e Médio Tejo, valores muito afastados da média nacional.

As regiões autónomas e o Norte, ainda observam níveis de natalidade significativamente elevados, quando comparados com a média nacional, equilibrando o rácio entre a população mais jovem e a mais idosa.

Em 2005, o índice de envelhecimento da região Norte era de 91 idosos por 100 jovens, nos Açores era de 63 e na Madeira de 72. Esta realidade contrasta com outras regiões do país, como o Alentejo, com um índice de 171 idosos e o Centro (140). Em Portugal: 110 idosos por 100 jovens.

O índice de envelhecimento oscila entre duas a quatro pessoas idosas por cada jovem.

O índice de envelhecimento ascendeu a 102 idosos por cada 100 jovens em 2001. Este rácio era de 27 em 1960 passando para 110 em 2005. Mais uma vez, as diferenças entre os sexos são bem evidentes sendo o envelhecimento mais notório nas mulheres, sendo o rácio de 132 nas mulheres e de 90 nos homens.

Em 85 municípios (representando 28% do total) este indicador ainda se situava abaixo dos 100, ou seja, os jovens superavam os idosos em número. Entre estes, destacam-se Câmara de Lobos (com 296 jovens por cada 100 idosos); Ribeira Grande, Lagoa, Vila Franca do Campo e Ponta Delgada (nos Açores) e Paços de Ferreira, Vizela, Lousada, Paredes e Felgueiras (no Norte, sub-regiões de Tâmega e Ave), todos com mais de 2 jovens por cada pessoa idosa.

Vila Velha de Ródão era o concelho mais envelhecido com cerca de 5 idosos por cada jovem, havendo ao todo cerca de 12 concelhos com o índice superior a 300, i.e., com mais de 3 idosos por cada jovem.

A proporção da população com mais de 75 anos no total da população idosa, revelada através do índice de longevidade, permite visualizar uma mancha idêntica, colorindo todo o interior de Portugal. O índice de longevidade aumentou de 33 em 1960 para 44 em 2005 indivíduos e ultrapassará os 50% do total da população idosa em 2050 (54 indivíduos).

Em 2001, mais de metade da população idosa em 7 municípios tinham 75 ou mais anos. Esta proporção não tinha sido atingida por qualquer concelho em 1991, facto que ajuda a confirmar o envelhecimento da própria população idosa.

Esta realidade entra em contraste quando comparamos o mapa que representa a proporção de pessoas idosas com a população jovem.

Figura 7

Índice de Envelhecimento, por Municípios, 2005

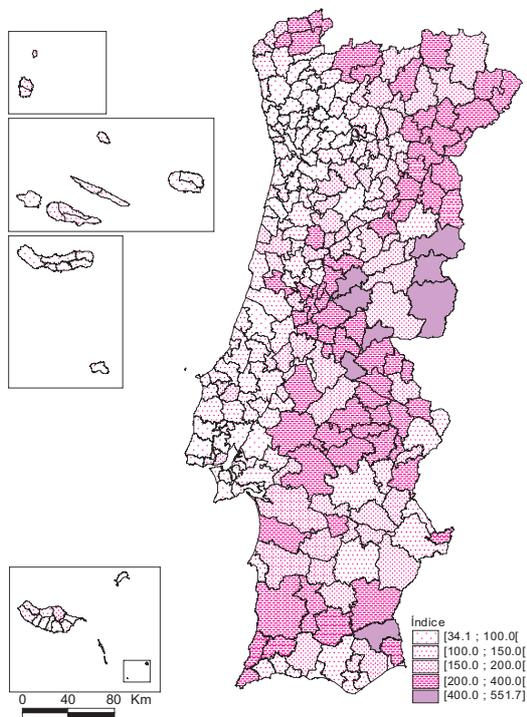
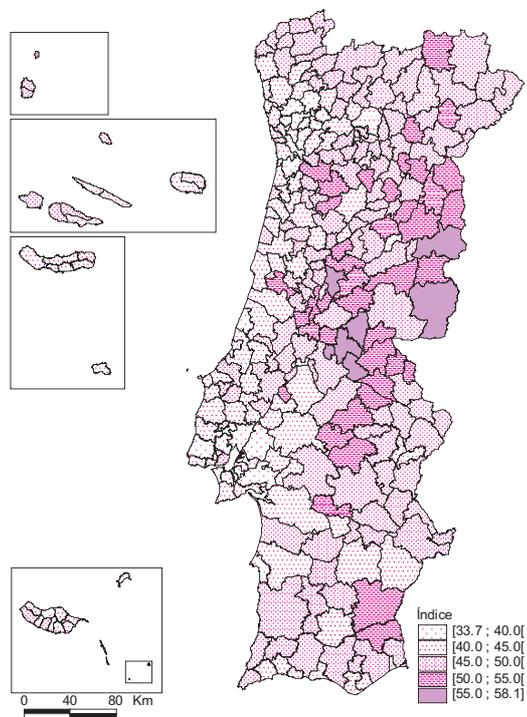


Figura 8

Índice de Longevidade (%), por Municípios, 2005



Fonte: INE, Serviço de Geoinformação (cálculos das autoras com base nas Estimativas de População Residente), NUTS 2002

Figura 9

Proporção da população idosa (65 ou + anos) no total da população(%), por Municípios, 2005

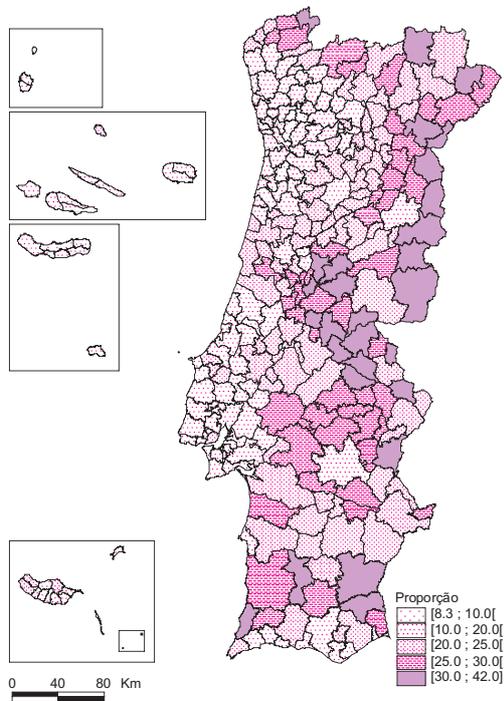
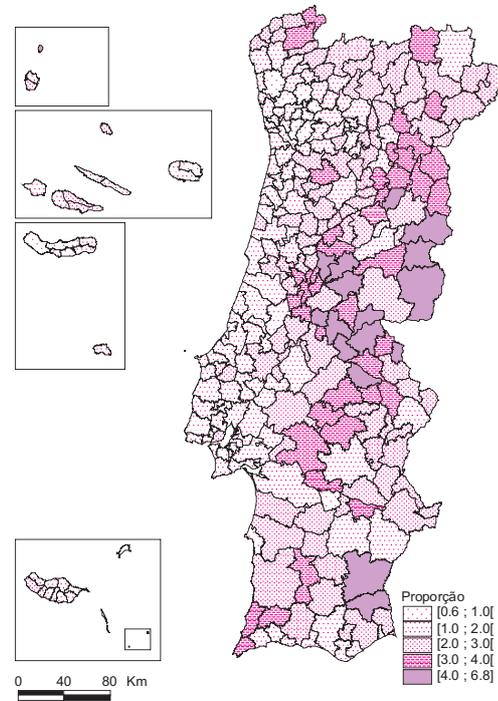


Figura 10

Proporção da população mais idosa (85 ou + anos) no total da população (%) , por Municípios, 2005



Fonte: INE, Serviço de Geoinformação (cálculos das autoras com base nas Estimativas de População Residente), NUTS 2002

As alterações na população em Idade Activa

Em 16 municípios a população em idade activa não se renovava, ou seja, o índice situa-se a abaixo do valor 100; neste conjunto insere-se o município de Lisboa com outros 15 que se localizam nas regiões mais envelhecidas do interior do país.

O índice de sustentabilidade potencial é bastante revelador da dicotomia litoral e interior. Em 19 municípios este indicador registava entre 6 a 8 pessoas em idade activa por cada indivíduo idoso. Contudo em 30 municípios o valor era inferior a 2 e em 8 destes era menor que 1,5.

Figura 11

Índice de Renovação da População em Idade Activa, por municípios, 2005

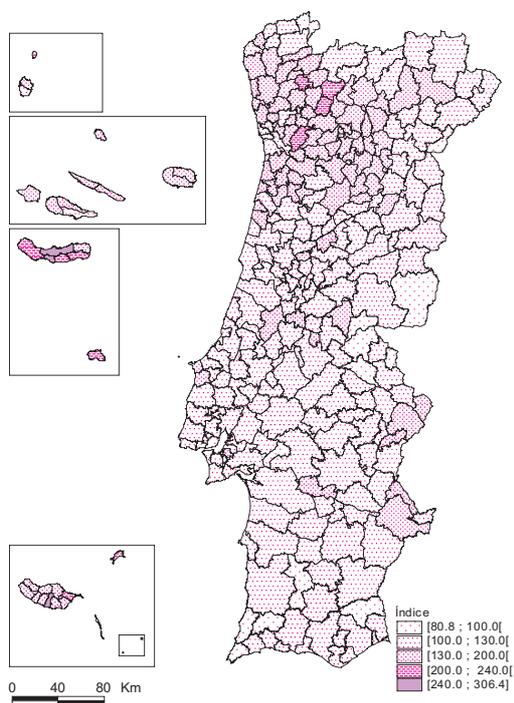
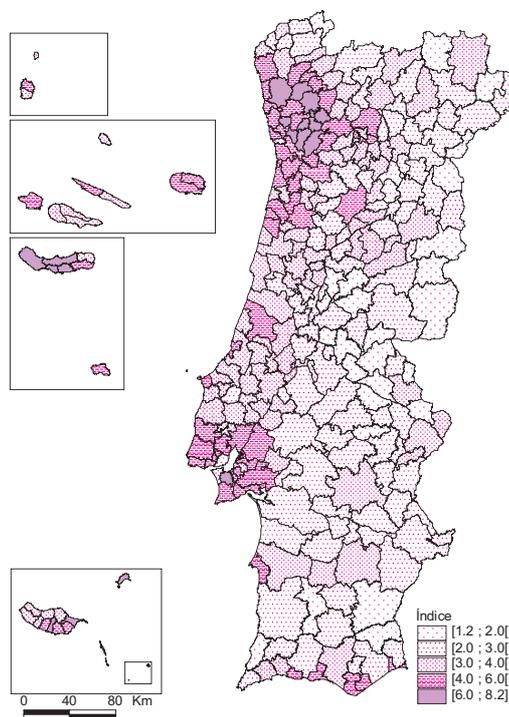


Figura 12

Índice de Sustentabilidade Potencial, por municípios, 2005



Fonte: INE, Serviço de Geoinformação (cálculos das autoras com base nas Estimativas de População Residente), NUTS 2002

No seguimento da exposição anterior, a análise do índice de dependência de jovens e idosos é bem revelador da importância que os segundos representam em relação à população em idade activa.

O índice dependência total é utilizado para medir as necessidades potenciais de apoio. Parte do princípio que todas as pessoas com menos de 15 anos e com mais de 64 anos depende no mesmo da população em idade activa dos 15-49 anos e assume-se que esta faixa etária apoia de modo directo ou indirecto. Este indicador só de um modo rudimentar traduz alguma dependência na medida em que nem todos os jovens e nem todos os idosos requerem apoio; e, por outro lado, nem todas as pessoas em idade activa dão directa ou indirectamente apoio. Aliás, em muitas sociedades, as pessoas idosas são “chamadas” a prestar cuidados, designadamente às *suas* crianças, constituindo mais um apoio para os adultos em exercício de actividades profissionais.

Figura 13

Índice de Dependência de Idosos,
por municípios, 2005

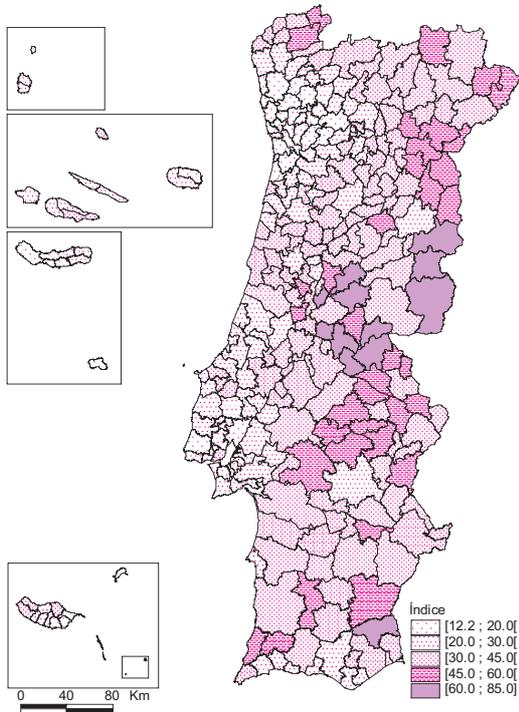
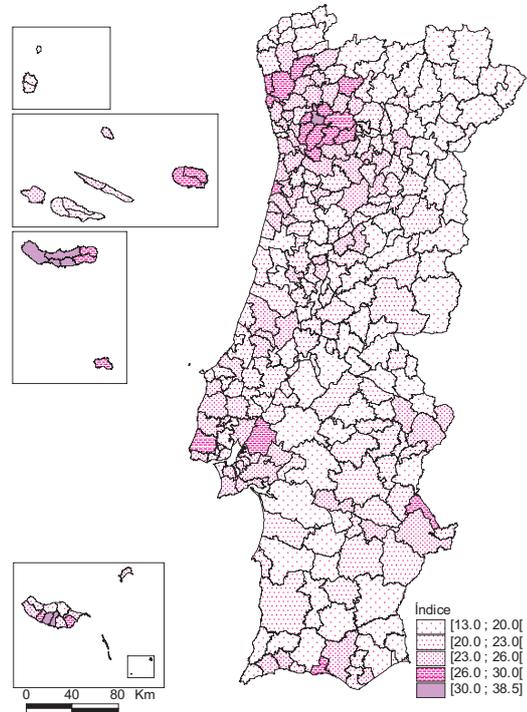


Figura 14

Índice de Dependência de Jovens, por municípios,
2005



Fonte: INE, Serviço de Geoinformação (cálculos das autoras com base nas Estimativas de População Residente), NUTS 2002

O índice de dependência total aumentou devido ao substancial acréscimo da proporção de pessoas e idosas. A tendência para aumentar está prevista nos próximos.

As actuais diferenças regionais no índice de dependência de idosos persistam no futuro esperando um notável acréscimo do indicador. De 2010 até 2020 o rácio de pessoas idosas por pessoas em idades activa prevê-se que cresça de por cento.

As diferenças regionais nos indicadores que medem o envelhecimento são substanciais. Como as taxas de fecundidade caíram para níveis muito baixos o declínio da mortalidade, sobretudo nas idades mais avançadas, torna-se um importante factor no envelhecimento demográfico. Espera-se que as diferenças regionais diminuam e a esperança de vida convirja.

Considerações Finais

A população envelheceu e espera-se que a população idosa com 65 ou mais anos e a mais idosa continuem a envelhecer embora o ritmo tenda a atenuar-se. Estas faixas etárias são as únicas a evoluir positivamente no futuro.

As diferenças entre os níveis de fecundidade, de mortalidade e o sentido das correntes migratórias determinaram os diversos graus de envelhecimento nas várias regiões do país.

Actualmente o fenómeno do envelhecimento estende-se a todo o território nacional, mas com diferente intensidade. As disparidades etárias futuras dependem das estruturas actuais que revelam.

Perante esta realidade, irrefutável, as recomendações internacionais apontam para encarar o envelhecimento das sociedades como um desafio e uma oportunidade. É preciso potenciar tanto a experiência como as capacidades das pessoas idosas de modo a dar-lhes oportunidades para intervirem na vida em sociedade. Paralelamente, e como medidas para a inclusão social, destaca-se a importância para a integração das pessoas idosas no seio da família, constituindo um intercâmbio de forças e potencialidades favorável a todas as partes: em 2001, cerca de 57 mil pessoas idosas encontravam-se institucionalizados em convivências de apoio social, saúde e religiosas, representando quase 4% da população idosa total⁶.

As pessoas idosas constituem um segmento de mercado em ascensão que disponibiliza produtos e serviços específicos nos quais se incluem os prestadores de cuidados de saúde, operadores de turismo, as marcas de cosméticos, os bancos, as empresas de telecomunicações e imobiliárias. Em Portugal, o número de empresas e serviços a operar para um público que designam como *Sénior* ou *Outono da Vida*, tem vindo a crescer.

As ofertas de serviços a esta franja da população vão do simples cosmético às residências em condomínios fechados que incluem todos os serviços de apoio tais como saúde, lazer, limpeza, alimentação e até cabeleireiro. No entanto, ofertas esta natureza só estão ao alcance das pessoas idosas com uma sólida situação económica e estes condomínios levam à concentração dos idosos em grupos fechados. Juntar idosos com idosos pode não ser a melhor opção na medida em que o relacionamento intergeracional é muito importante.

A criação e expansão das universidades da terceira idade constitui mais um fenómeno que se pode referir e que exemplifica muito bem o *signal dos tempos*.

Também as empresas devem procurar soluções no sentido de potenciar o bem-estar das pessoas idosas, valorizando a condição física, e oferecem programas concebidos de acordo com as capacidades das pessoas idosas. Existem já programas preparados para serem implementados em empresas, públicas e privadas, com o objectivo de acompanhar os trabalhadores em fase final da vida activa a planear melhor o período de reforma.

Há que referir, contudo, que as situações enumeradas referem-se a um determinado grupo de pessoas que, para além da idade, têm em comum o acesso à informação, uma localização privilegiada para poder usufruir de determinados bens e equipamentos, geralmente situados apenas nas grandes cidades. No entanto, uma vasta percentagem de pessoas idosas estão longe desta realidade, quer porque constituem um grupo bastante vulnerável à pobreza, especialmente as que residem em zonas rurais⁷, quer porque é nas idades mais avançadas que surgem em maior número determinadas incapacidades, motoras ou do foro psicológico⁸. De facto, o isolamento social e geográfico, provoca geralmente sentimentos de solidão e abandono, com consequências graves e difíceis de ultrapassar por quem as sente.

⁶ cf. Gonçalves, Cristina (2003) "As pessoas idosas nas famílias institucionais segundo os Censos" in Revista de Estudos Demográficos n.º. 34, pp. 41-60, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

⁷ Sobre esta matéria consultar também Gonçalves, Cristina (2004) "Pobreza e exclusão social nas famílias com idosos em Portugal" in Revista de Estudos Demográficos n.º. 35, pp. 143-169, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

⁸ Sobre esta matéria consultar também Gonçalves, Cristina (2003) "Enquadramento familiar das pessoas com deficiência: uma análise exploratória dos resultados dos Censos 2001" in Revista de Estudos Demográficos n.º. 33, pp. 69-94, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.

Referências Bibliográficas

- BRANCO, Rui, GONÇALVES, Cristina (2000) **Envelhecimento Demográfico – Aspectos Demográficos, Económicos e Sociais da População Idosa em Portugal**, Instituto Nacional de Estatística, I Congresso Português de Demografia, org. ISCTE/INESLA, Tróia, Grândola, 21-23 Setembro, Sessão Plenária: População e Envelhecimento.
- CARRILHO, Maria José (1993) **O Processo de Envelhecimento em Portugal: Que Perspectivas...?** in Revista Estudos Demográficos nº 31, pp. 75-98, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- CARRILHO, Maria José (2002) **Os Imigrantes no Processo de Envelhecimento em Portugal**, Jornadas sobre a Europa, o Desafio Demográfico e o Espaço de Liberdade, Segurança e Justiça, actas do Debate no Centro Cultural de Belém, Parlamento Europeu, Lisboa.
- CARRILHO, Maria José e GONÇALVES; Cristina (2004) **Dinâmicas Territoriais do Envelhecimento: análise exploratória dos resultados dos Censos 91 e 2001** in Revista de Estudos Demográficos nº. 36, pp. 175-192, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- DECP/Serviço de Estudos sobre a População (2002) **O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas** in Revista de Estudos Demográficos nº. 32, pp.185-208, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- Direcção Geral de Acção Social (2001) **Actas do Seminário de Encerramento Ano Internacional das Pessoas Idosas**, Lisboa.
- INE (1999) **As Gerações Mais Idosas** in Série Estudos nº 83, Instituto Nacional de Estatística - Gabinete de Estudos e Conjuntura, Lisboa.
- INE (2004) **Projecções de População Residente, Portugal e NUTS II, 2000-2050**, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- INE (2005) **Projecções de População Residente, NUTS III, 2000-2050**, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- INE (2006) **Estimativas Provisórias de População Residente, 2005, Portugal, NUTS II, NUTS III e Municípios**, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- Pestana, Nuno Nóbrega (2003) **Trabalhadores Mais Velhos: Políticas Públicas e Práticas Empresariais** in Cadernos de Emprego e Relações de Trabalho, 01, Direcção Geral do Emprego e das Relações e do Trabalho, Lisboa.
- United Nations (2002)** Madrid International Plan of Action on Ageing 2002, **New York**.

